

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Lurdes Nascimento de Sousa

registada em 2008-09-18
por

Cláudia Simões e Hugo Pereira

Lurdes Nascimento de Sousa

Maria de Lurdes Nascimento de Sousa nasceu em 1930, a 26 de Setembro, em Lisboa. O pai chamava-se António Bento de Sousa e a mãe Maria do Nascimento. O pai trabalhava em Lisboa, mas regressou para ser mineiro nas Minas da Panasqueira. A mãe “trabalhava no campo e cortava mato e lenha”. Maria de Lurdes e os cinco irmãos também a ajudavam. Ainda foi à escola, mas depois a mãe não a deixava ir, porque era a mais velha. “Tinha que tomar conta dos miúdos.” Ficou apenas com a primeira classe. Foi servir dos 13 anos até aos 15. “Ia apanhar, às vezes, hortaliza à quinta onde trabalhava e ajudava a cozinheira a lavar a louça e a arranjar batatas.” Depois dos 15 anos, veio para casa trabalhar. Arranjaram-lhe uma venda de ovos, onde andou sete anos. Conheceu o seu marido ainda miúda, mas só começou a namorar com 20 e tal anos. Ele trabalhava em Lisboa, mas escrevia-lhe cartas. Casaram na igreja de Chãs d’Égua. Depois do casamento ainda ficou na aldeia um tempo, mas depois foi para Lisboa e já lá está há 54 anos. A adaptação foi difícil, mas depois de nascer o seu filho começou a trabalhar a dias na CUF. Trabalhou lá durante 28 anos. Actualmente está reformada.

Índice

Identificação Maria de Lurdes Nascimento de Sousa.....	4
Ascendência António Bento de Sousa e Maria do Nascimento.....	4
Infância "A mocidade toda aqui, era muito bonito".....	5
Educação "Havia uma professora que era muito engraçada".....	7
Religião "Tenho o curso de Cristandade".....	7
Casa "Subia as escadas para o sótão, estava cheio de neve".....	7
Namoro "Conheci o meu marido ainda miúda".....	8
Casamento "Faziam flores, deitavam flores".....	8
Percurso profissional Do campo para a cidade.....	9
Costumes Uma vida dura, mas agitada em Chãs d'Égua.....	11
Lugar O impacto dos serviços básicos.....	15
Quotidiano "Gosto muito de estar aqui, mas lá é diferente".....	19
Avaliação "Este trabalho é bonito".....	19

Identificação *Maria de Lurdes Nascimento de Sousa*

O meu nome é Maria de Lurdes Nascimento de Sousa. Nasci em 1930, a 26 de Setembro, em Lisboa.



Maria de Lurdes Nascimento de Sousa, com 37 anos

Ascendência *António Bento de Sousa e Maria do Nascimento*

O meu pai chamava-se António Bento de Sousa e a minha mãe, Maria do Nascimento. O meu pai trabalhava há um tempo em Lisboa, porque aqui não ganhava. Não dava nada. Não havia onde se ganhasse dinheiro nenhum, nem cá havia dinheiro nenhum. Era só o que a gente cultivava para comer. Então, iam para Lisboa. Depois, como abriu as Minas da Panasqueira, que teve uma grande força, foram para lá trabalhar para vir algum, nessa altura. Voltou para aqui. Era mineiro dentro das Minas, debaixo da terra. Os pedreiros a tirar aquelas

rochas para depois poderem tirar o minério. Ele diz que viu, pelo menos, dois homens com as pernas partidas. Estavam no hospital, que era inglês, era muito bom. Uma vez, até morreu um homenzinho daqui. Ganhava-se um bocadinho, pouco, mas já dava alguma coisinha. Com o que a gente cultivava, já dava para ir amparando a vida.

A minha mãe, coitadinha, trabalhava no campo e cortava mato e lenha. Andava aqui a cultivar as terras. Nós também já ajudávamos, eu mais os meus cinco irmãos. Trabalhávamos nas terras, tínhamos animais... Tínhamos cabras e ovelhas para dar leite e, às vezes, cabritos. Era o que a gente fazia: tratar dos animais e das terras. Milho, batata, feijão, couves, cebolas, alfaces, feijão verde era o que a gente cultivava por aqui para se comer. Havia frutas, maçã muito boa, pêras, as uvas e figos daqueles do São João. Era a nossa fruta cá. Às vezes, íamos regar de noite aqui para baixo. A gente tinha fome, ia até às videiras e às pêras e comia tudo. Havia fome, tenho que dizer. Os meus pais trabalhavam muito, tínhamos o pãozinho, mas não havia assim muita fartura. Nos éramos seis e era pouquinho para a gente se alimentar.

Infância *"A mocidade toda aqui, era muito bonito"*

A gente não brincava. Tinha tempo? Então, a trabalhar como é que podia brincar? Aos domingos, íamos à missa ao Piódão. Depois, tratávamos dos animais. A gente tinha a vida muito ocupada. Eu tinha que fazer as minhas coisinhas mesmo. A minha roupinha e tudo. Aos domingos, é que a gente ia para o bailarico lá em baixo. Dançavam os rapazes com as raparigas. Havia uns que tocavam com uma flautazinha. Dançava-se e brincava-se a correr. Era a nossa vida assim. Mais tarde, havia cá muita gente, muita mocidade. Trabalhavam nas Minas da Panasqueira, como eu já disse. Já tocavam as guitarras, fazia-se aqui grandes bailaricos. Era muito jeitoso. Há aí a gravação de uns irmãos que eu tinha. Eles tocavam muito bem. Um já morreu. Tocavam viola e tocavam guitarras. Os miúdos eram muito jeitosos. A mocidade toda aqui, era muito bonito.

À noite, era a lareira a arder. Depois, íamos para a cama, porque estava frio. A gente deitava-se aí por volta das nove, dez horas. Para se estar sempre ao lume também se gastava muita lenha. Tínhamos que nos remediar assim. Tinha que ser cedo. Toda a gente saía da cama cedo para ir trabalhar. Vestia-se, levava um bocadinho de pão de milho e depois o podão, uma capa e toca a andar buscar lenha, mato e tratar dos animais. A gente vinha, comia-se ali o almoço. Umas batatas com hortaliça. Não tinha bacalhau e carne era pouca. Só dos porcos que

matava. Era um bocadinho de toucinho branco. E já era bom. Bacalhau, só pelas festas.

"Deitam os dentes logo à garganta que é para amachucar"

Uma vez, houve um episódio engraçado em vésperas de uma festa, que chamavam Senhora das Precês. As pessoas, nessa altura, iam por aqui afora com as suas roupinhas. Aquilo era uma festa, um bailarico. Nas vésperas da festa, uma senhora foi ali para diante deitar as ovelhas. Andava em cima das cerejeiras, a apanhar cerejas, e quando olhou para baixo, já andava um lobo agarrado a uma ovelha. Ela desce da cerejeira abaixo:

- "Ei! Ei! Ajudem-me!"

Ela puxava a ovelha para um lado e o lobo para o outro. Ele lá fugiu e essa ovelha, ainda a trouxeram. Mataram-na e fizeram-na para essa festa. Tinham que a matar, porque já não sobrevivia. Já o lobo lhe tinha deitado os dentes pela garganta. Os lobos deitam os dentes logo à garganta que é para amachucar. Eu nunca vi nenhum, mas também não andei muito com o gado. Quem ia mais eram os meus irmãos.

"Mandou-lhe uma pedra e a cabrinha caiu e morreu"

Tinha um irmão que era o pastor. Às vezes, levava os animais das outras vizinhas. Ia com o gado das pessoas por aí fora. Uma vez, tinha ficado uma para trás, pertinho da União Progressiva. Ele mandou-lhe uma pedra e a cabrinha caiu e morreu. Ele foi-se embora e não deu por isso. Eram muitas cabras. Quando lá chegou:

- "Ai! Mas falta cá uma, falta cá uma."

Já estava uma pessoa a dizer:

"Ai! Tu mataste a minha cabra! Mataste a minha cabra!"

E a minha mãe muito chateada com outro irmão. Não tinha sido ele, foi o que tinha ido guardar as cabras. Depois, uma senhora, que chamavam a Mouca, era assim para a minha mãe:

- "Não foi este, não. Foi o grande. Foi o grande."

O grande, mas o meu irmão abaixo dele é que apanhou. Pensavam que tinha sido ele.

Não se usava cá casacos. Ninguém tinha. Era um capucho, um bocado de lã aos quadrados, preta e branca, que a gente punha pelas costas. Ou então uma capucha. Tinha assim uma cabeça por aí abaixo e assim era o nosso casaco. Tinha

um vestidinho, às vezes, de chita, outras vezes, uma coisinha de lã. Era assim. O de chita não era quente, mas também se compravam uns tecidinhos de lã para, às vezes, fazerem uns vestidinhos ou uma coisinha assim. Eram as senhoras aí que faziam vestidinhos para a gente. Também não havia calçado. Se havia um tamanquinho, já era bom! Eram de madeira com umas coisinhas por cima.

Educação "*Havia uma professora que era muito engraçada*"

Eu ia à escola, mas depois a minha mãe não me deixava ir, porque era a mais velha. Tinha que tomar conta dos miúdos. Depois, passou-se o meu tempo. Fiz uma primeira, só. Sabia fazer o meu nome e pouco mais. Escrevia com um lápis de pedra, uns lápis que se compravam, tipo giz, mas em pedra. Era para escrever numas pedras de lousa com um caixilhozinho em volta. Era giro. Havia muitos miúdos. Havia uma professora que era muito engraçada. Ensinava-nos a cantar. Estávamos a fazer umas coisinhas de costura, croché. Era muito engraçada. Uma canção que ela ensinava era assim:

*"Dinamarca e na parda
Finlândia, cabra fatal
Prefere sangue e espingarda
E o cão de guarda é Portugal
Prefere sangue e espingarda
O cão de guarda é Portugal."*

O edifício era além na Malhada. Era frio. No Inverno, era muito frio e a gente descalça. Não havia "roupados", não havia sapatos.

Religião "*Tenho o curso de Cristandade*"

A minha religião é a católica. Fui baptizada no Piódão. Sou católica, sou praticante e tenho o curso de Cristandade. Eu e o meu marido.

Casa "*Subia as escadas para o sótão, estava cheio de neve*"

A minha casa, agora, está com um irmão meu, que estava no Luxemburgo. Tem ali uma casa que é uma maravilha. Toda mobilada do que é bom. Aquilo era uma casa grande, mas velha. No Inverno, quando nevava, entrava pelas lajes e o sótão ficava todo cheio de neve. Às vezes, íamos lá, abríamos a porta e entrava a

neve por aí dentro. Tínhamos que andar com a pá a deitar pela janela abaixo. Mas até era giro. A gente recorda estas coisas. Eu dormia num quartinho com umas tábuas no banco. Eram pequeninos. Só cabia lá uma caminha para podermos dormir. O colchão fazia-se com palha de centeio. Tínhamos uns cobertorzinhos. Dormia mais a minha irmã, que já morreu. Os meus irmãos dormiam noutro quartinho, também a mesma coisa, com os colchões, que se faziam de um bocado de tecido e metiam palha de centeio.

Namoro "*Conheci o meu marido ainda miúda*"

Ai, o namoro não era como agora. Só se namorava se iam a casa, um bocadinho. Não andavam cá aos beijinhos como agora andam. Não, senhor. Agora, se calhar, conhecem-se melhor do que no outro tempo, mas no outro tempo, não havia como agora há. Não se está bem, cada um vai para seu lado.

Conheci o meu marido ainda miúda. Nessa altura, ainda não namorava. Ele era da família. Era primo direito da minha mãe e a minha mãe era madrinha dele. De maneira que a gente se conhecia bem. O meu marido tem mais idade que eu. Já tem 86 anos e eu vou fazer 78. Fiquei cá dos 15 até aos 23. Comecei a namorar com 20 e tal anos. Ele trabalhava em Lisboa, mas escrevia-me cartas.

Casamento "*Faziam flores, deitavam flores*"



Casamento de Maria de Lurdes e José Gonçalves (1954)

Casei na igreja aqui. O meu marido ia vestido com um fatinho azul e camisinha branca com gravatinha. Eu levava uma blusa branca, uma saíinha azul escura às preguinhas, um lenço chinês na cabeça e um xaile preto de merino.

Chamava-se lenço chinês. Eram lenços com umas flores bonitas e tal. Era um lenço bonito. Chamava-se xaile de merino, de seda, com uma franja bonita. O nosso enxoval dessa altura era pouquinho.

Vinha-se a pé, que cá não havia carros. Viemos a pé lá de baixo para cima para a igreja. A gente lá veio e as pessoas, de cima, deitavam flores. Eram assim os nossos casamentos cá. Ah, foi muito bom! Ajuntou muita mocidade. Havia muita, nessa altura. As minhas primas, os primos, família, tudo ali. Era muita fartura nessa altura.

Era o pequeno-almoço farto, era o jantar farto e depois era a ceia farta. Matavam-se carneiros. Uma pessoa de família tinha um carneiro, que pesava 36 quilos. Depois, faziam no forno. Era temperadinho, ia naquelas caçoilas de barro e iam ao forno a assar. Faziam batatas a acompanhar, faziam arroz, faziam estas coisas assim. Nessa altura, matavam os carneiros, matavam ovelhas, faziam cestas grandes de bolos no forno, fazia-se à fogueira as filhós e tigelas... Foi muito bom. Faziam também pães leves. Nessa altura, chamava-se pão leve, agora é pão-de-ló. Eram os doces do casamento. Depois, está claro, era bailaricos lá para baixo. Era o divertimento, nessa altura.

Ainda cá fiquei um tempinho, mas o meu marido arranjou lá um quarto e fomos para Lisboa. Já lá estou há 54 anos.

Percurso profissional *Do campo para a cidade*

"Ficou o nome de galinheiras"

Fui servir dos 13 anos até aos 15. Estava na cozinha a ajudar a cozinheira. Ia apanhar, às vezes, hortaliza à quinta onde trabalhava e ajudava a cozinheira a lavar a louça e a arranjar batatas. Essas coisas assim.

Depois dos 15 anos, vim para casa trabalhar. Arranjaram-me uma venda de ovos. Ia comprar ovos por aí abaixo com uma cesta, para a Vide. A pé! Às segundas e às quartas-feiras, íamos para a Covilhã, vender. A pé daqui para a Covilhã! Eram dois dias: um para lá chegar e outro para voltar. Tínhamos lá um freguês, um senhor que tinha uma pastelaria. Dormíamos lá. Ao outro dia de manhã, as senhoras chamavam-nos e vínhamos embora para casa outra vez. Chamavam-nos galinheiras, mas eu nunca levei galinhas. Levei sempre ovos. No antigamente, levavam galinhas. Por isso, ficou o nome de galinheiras. Eu era uma delas. Andei nisso sete anos.



Maria de Lurdes (Chãs d'Égua, 1961)

"Chegámos a ser lá 200 mulheres"

Fui para Lisboa, porque o meu marido trabalhava lá. Custou-me um bocadinho. Foi um bocadinho complicado. Eu tinha aqui uma casinha, que nem tinha luz, nem tinha água. Já estava habituada a andar aqui à vontade. Lá, estava num quarto e o meu marido estava a trabalhar. Vínhamos cá de ano a ano. Nessa altura, não havia carros, não havia nada. Havia muita gente, mas naquela altura ninguém tinha carro. Tínhamos que vir a pé. As primeiras pessoas que tiveram aqui um carro fôramos nós. Tínhamos um Datsun 1200. Nem vinha para aqui. Vinha pela serra fora e ficava em cima. A gente, às vezes, também trazia coisinhas para comer. Cá havia pouco e a gente trazia de lá coisinhas para comer.

Depois, tive que trabalhar, já foi melhor. Comecei a trabalhar a dias. O meu marido trabalhava na CUF, que agora se chama Lisnave. Eu fui para ao pé dele. Tinha que ajudar para ganhar para pagar o quarto. Os quartos eram caros e os ordenados eram pequeninos, nessa altura. Mais tarde, empreguei-me também lá na CUF, já tinha nascido o meu filho.

Em princípio, trabalhava na cozinha. Era cozinheira, fazia os preparos e ia servir os senhores à mesa. Mais tarde, foi só cozinha. Deixou de haver as senhoras a servir à mesa. Já havia o self-service. Fazia só preparos e cozinhados. Chegamos a ser lá 200 mulheres, na Margueira. Todas lá a trabalhar. Havia muitos homens também: 10 mil na Margueira por aí fora. Trabalhei lá 28 anos e o meu marido 36. Agora, estamos reformados de lá.

Costumes Uma vida dura, mas agitada em Chãs d'Égua

"Era assim que a gente fazia o queijo"

Tínhamos queijo. Ordenhava-se as ovelhas, as cabras e coava-se para dentro de uma panela. Estava ali um tempinho a coalhar. Quando estava coalhado, tínhamos um acincho. É uma coisinha redonda com uns buraquinhos. Tirava-se a coalhada, punha-se ali e espremia-se com as mãos. Era assim que a gente fazia o queijo. Deitava-se o soro fora ou comíamos, às vezes. Metíamos-lhe pão de milho. Quando estava no Inverno, que estava frio, a minha mãe deixava assim muita coalhada. Punha-lhe farinha de milho, aquilo ficava... Comíamos daquilo. Era bom para a gente se alimentar.

"Comiam e depois então iam à loja matar o porco"

Tínhamos o porco na loja. Depois, vinham os homens. Já havia pequeno-almoço para eles. Nessa altura, havia sardinha frita, castanhas cozidas, aguardente com mel... Comiam e iam à loja matar o porco. Havia uns homens a segurar o porco e outro a matar. Depois, chamuscava-se o porco. Limpava-se limpinho, pendurava-se e tirava-se as tripas. As senhoras iam tratar delas, lavá-las aos ribeiros, para fazer enchido. Os homens deixavam o porco ficar ali pendurado. Ao outro dia, era desmanchado. Fazia-se chouriças, fazia-se farinheiras, fazia-se chouriço de carne e fazia-se mais uma outra qualidade: nós, cá, chamávamos chouriças de bofes e era bom. Os bofes são os pulmões do porco. Tinha um bocadinho de bofes, mas tinha muita carne, aquela carne mais "ensanguada". Metíamos-lhe outras carnes, mas aparecia aqueles bocadinhos de bofes. Era muito bom. Eu gostava muito. Depois, fazíamos o bucho. Esse bucho enchia-se com sangue, febras, arroz, mas ficava temperadinho com muitas coisas, cominhos e alhos e assim. Enchia-se, cosia-se e ia ser cozido. Então, pendurava-se a secar. Quando era um dia especial, cozia-se e era outra festa aquilo cortadinho. Era bom. Chamava-se o bucho. Também fazíamos disso. A acompanhar, fazíamos os rojões. Nós chamamos cá de outra maneira. Chamávamos torresmos, que se faziam do porco. Naquele dia da matança, é um bocado de fígado ou um bocado de fêveras e um bocado de alho. Era frito e chamavam-se os torresmos.

De apanhar o milho a cozer o pão

Aqui, não há assim muita apanha do milho. Apanhamos cada qual o seu. Quando a gente se juntava a debulhar o milho, isso então era uma festa. Juntava-se lá o milho e, à noite, debulhava-se naquelas palheirinhas. Era o serão. Fazíamos esse trabalho. Cantávamos, dizíamos anedotas, juntava-se rapaziada nova e dançavam. Cantava-se assim:

*"O anel, que tu me deste,
Era de vidro, quebrou.
Chora a videira, ó videirinha.
Chora a videira, ó rosa minha."*

Era quando a gente estava nas debulhadas.

Malhar o milho é bater com o pau. Os homens malhavam e as mulheres debulhavam. Sentavam-se em cima do milho a dar com o pau. Tinham um pauzinho assim comprido, redondinho. Punha a espiga daqui, "toque, toque"... A gente pegava um casulo e tirávamos o milho.

Ao outro dia, punha-se o milho a secar nestes grandes bocados, que há aí para semear. Não eram eiras. Púnhamos aquelas mantas de fitas. O nosso milho era todo seco em cima de mantas de fitas. Os tecidos velhos, a gente cortava às tiras, fazia novelos, ia à tecedeira e a tecedeira fazia aquelas mantas bonitas. Ainda há para aí muito disso. Eu ainda tenho algumas.

O milho, depois de seco, ia-se moer ao moinho. Ainda aqui está um, em frente à Casa do Povo. Está ali um pequenino, um moinho muito giro, no ribeiro. É imitação do que a gente tinha antigamente. Havia uma quantidade de moinhos por aí acima. Havia aí uns que era de duas ou três pessoas. Uma ia hoje e amanhã, o outro ia ao outro dia. Mas quase toda a gente tinha moinho próprio. Eram da povoação. As casinhas já estão a ficar velhas, porque veio aí uma grande trovoada que deitou os moinhos abaixo. Fazia-se a farinha e trazíamos para casa para fazer o pão.

A farinha era amassada numa masseira. Fazia-se pão de milho e pão de centeio. Depois de estar levedada, punha-se num forno quente e ia-se fazer a broa. Estava lá em baixo um forno, que era do povo. Mesmo ao lado da União Progressiva. Nessa altura, só havia um. Ainda, às vezes, quando é pelas festas, vão lá fazer pão. É grande. Cabiam lá umas 30 e tal broas. Às vezes, juntavam-se duas pessoas para cozer. Acabavam de tender o pão e punham um sinal. Era assim: a primeira pessoa não punha sinal, a segunda já punha o dedo. Ficava um buraquinho para saber de quem era a broa. Para saber quem cozia, havia uma

pessoa que ia pôr outro sinal, punham um pau à porta. Então, as pessoas iam saber de quem era. Essa pessoa era a primeira que cozia. Depois, davam a vez, durante a semana.

"A gente subia à escada para deitar a azeitona abaixo"

As famílias juntavam-se a apanhar a azeitona. Ajudavam-se uns aos outros. É mais familiar. Estendia-se uns toldes e punha-se uma escada. A gente subia à escada para deitar a azeitona abaixo. Depois, ia pôr ao lagar, onde toda a gente ia moer a azeitona. Lá em baixo, ainda estavam a barrar. Tem uma calha de água e andava o rodízio a moer. Depois de moidinho, ia para umas seiras. Havia uma grande trave para as espremer e para ir para as tarefas. Agora já não é assim. Vai para uma fábrica na Bobadela. Vai só por umas escadas fora. Não é aquilo tocado a água, não. Esse género já acabou.

Festas especiais para cantar e encantar

Agora, o Natal já é assim um pouco diferente... Já cá não estou há muito tempo, mas dantes iam buscar lenha, cepos muito grandes e punham a arder. Andavam ali dois ou três dias a arder. Depois, está claro, as pessoas também festejavam. Faziam filhós, cantava-se nas cozinhas e nas ruas, o Menino Jesus e tal. Mas nessa altura, ainda não havia possibilidades para prendas.

As Janeiras era assim: andavam pelas portas, cantavam e davam-lhes, às vezes, umas chouriças dos fumeiros e mais umas coisas. Nessa altura ainda havia fumeiros. Faziam um pau e penduravam a chouriça. Juntavam-se todos, fritavam tudo dentro de um tacho com pão e comiam. Depois, brincavam e havia bailaricos.

No Carnaval era mais paródia. Bailaricos e tal, isso assim.

Na Páscoa, ia-se à missa ao Piódão. No Domingo de Páscoa, toda a gente ia. Conversava-se, comungavam e depois cada qual ia para a sua casa. Vinha o padre à casa das pessoas com a Cruz, davam as boas-festas e recebiam o foliar: ovos ou coisas assim, para ele levar. Agora já não é assim. Quem vem, não é o padre, que não pode. São os mordomos que andam de casa em casa com a Cruz. Ainda vão dar a beijar às pessoas. A gente põe dinheiro, num envelope, para o padre.

"É uma tradição fazer a procissão"

O São João Baptista é o padroeiro da nossa terra. Depois, temos o Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Fátima, uma santinha que se chama Santa Bárbara, Nossa Senhora das Febres e Nosso Senhor do Carmo, que é aquela capelinha que está na Malhada. Os mordomos são os que tomam conta da igreja e dos santos. Antigamente, havia uma procissão. Ainda hoje fazem nas festas. Saem os andores. Vão quatro homens de um lado e de outro e levam o andor enfeitado por aí fora. Vão até à Malhada, a escola, andam pela aldeia e dão a volta. É uma tradição fazer a procissão.



Procissão em Chãs d'Égua

Padres, mouros e tesouros

Antigamente, isto foi habitado por uns padres que tinham lá em baixo umas casas. Foram os primeiros a habitar isto. Quando se foram embora, diziam que estava lá um tesouro deles. Quando fizeram aquela casa em pedra que está em frente à Casa do Povo, onde era a casa dos padres, quando escangalharam e foram ao fundo, encontraram moedas de ouro e não sei que mais. Estão ainda em exposição no Museu de Arganil. E ainda dizem que há para aí mais do que era antigamente dos mouros.

"Eram os Cacas"

Diziam que era aqui em baixo que passava o João Brandão. Havia uma senhora muito velhinha, que eu conheci, que dizia que eram os Cacas. Eram os maus, dizia ela. Falavam muito no Oliveira Matos, que o mataram e o enterraram aqui detrás da igreja. Isto já lá vem de há muitos anos, o João Brandão e o Oliveira Matos. Ouvia falar destas coisas, mas não sei explicar mais nada.

Bruxas e lobisomens

Diziam que aqui "pia diante"¹ passavam os lobisomens de noite. Mas isso era tudo uma má impressão que as pessoas tinham. Não podia ser verdade. Antigamente, falavam muito nisso. Tinham medo que passavam aí os lobisomens. Nunca dei conta de nada. Ouvia falar isto assim. E também que havia bruxas, mas nunca vi nenhuma. Diziam que andavam por aí de noite. Dançavam de noite com as luzes. Às vezes, viam assim uma luz e diziam:

- "Olha são as bruxas."

Mas isto era a má impressão que tinham as pessoas antigamente. Era talvez a falta de electricidade. A gente não conhecia mais nada. Era o que diziam.

Lugar *O impacto dos serviços básicos*

No outro tempo, havia além daquele lado, no Torno, umas casas que chamam as Casas Piódão. Havia lá uns senhores, que traziam aí umas éguas a pastar. Aqui, eram os chãos e aqui em cima há uma assentada a que chamam a Chã. Por isso, ficou os Chãs d'Égua. É o que oiço dizer. Não sei bem explicar, mas era assim. Além, eram as pastagens das éguas e aqui, era o chão d'égua.

"Quando a pessoa estava para morrer é que se chamava o médico"

O médico cá da serra era o de Avô. Era um grande médico. Chamava-se o doutor Vasco. Vinha num cavalo. Mas só quando a pessoa estava para morrer é que se chamava o médico. Depois, já não tinha cura. Nem sei o que é que lhe fazia. Via com certeza.

Havia também aqui uns senhores do Piódão que tinham uns livros de medicina e através desse livro davam os seus medicamentozinhos. A gente ia mais a eles. Quando se ia chamar, ele vinha ver o doente e lá dava umas

¹por aí adiante

ervas, assim umas coisitas. Não havia comprimidos. Havia umas plantas, que chamavam malvaíско, a raiz do malvaíско e a raiz dos morangos. Chamava-se Francisco Barbeiro. Era o barbeiro. Tinha um filho que era tão bom como o pai. Chamavam o Arnaldo Pacheco. Uma vez, um irmão meu estava muito doente dos intestinos e fôramos a ele. E o que é que ele dava? Era os píncaros das cerejas pretas. Aquele pezinho da cereja preta. Faziam aquele chá para beber. Era uma coisa que ajudava. Eram os remédios que eles davam através dos livros. Ainda me lembro de irem lá e ele vir aí.

Outra vez, uma neta de umas senhoras lá em baixo estava cheinha de febre. Então, havia uma planta que chamavam arruda. Cheira muito mal. Misturavam com o fermento para levedar o pão e vinagre. Esmagavam aquilo muito bem esmagadinho, punham num trapinho branco e punham nas fontes da cabeça, em cima dos braços e na barriguinha das pernas para passar a febre. Resultava. Nunca tomei disso, mas eu acho que resultava. Se eles faziam é porque dava. Isto eram os medicamentos que eu me recordo.

Para as constipações, era chá de flor do sabugueiro com mel. Punha-se-lhe mel e bebia-se aquele chá. Era bom. Também havia quem fizesse aguardente com mel. As pessoas diziam:

- "Ai, já bebi aguardente com mel quando estava constipado."

Para as dores de dentes, bochechavam com aguardente. Não havia dentistas cá.

"Demorava aí dois ou três dias para cá chegar a correspondência"

O correio, sempre houve. Até os meus irmãos faziam o correio daqui para o Piódão. Havia uma senhora que ia buscar a Pomares. Todos os dias ia a Pomares e nós íamos todos os dias de manhã levar ao Piódão. Ao outro dia, o que havia, trazíamos. E para a Vide e para outros lados mais. Demorava aí dois ou três dias para cá chegar a correspondência. Não havia carros, não havia estrada, andava-se a pé. Os pastores iam daqui para a Covilhã a pé. Agora já temos estrada, mas pouco correio há. Temos os telefones.

"Não havia frigoríficos. A comida fazia-se na altura"

Antigamente, não havia electricidade. Há talvez uns 30 anos que haverá. Era tudo às escuras. Tínhamos um candeeiro de petróleo, às vezes, uma candeiazinha. Punha-se-lhe azeite e uma torcidinha para arder. Não havia frigoríficos, não havia nada dessas coisas. Nada! A comida fazia-se na altura. Nós só comíamos o que cultivávamos, praticamente. Matavam um cabrito e aquilo dava para comer

quase dois ou três dias. Havia aqui em baixo uma mercearia, uma tabernazinha que vendia o açúcar, o arroz e às vezes, massa. Vinha assim aos sacos. Depois até havia uns cartuchos de papel. A gente metia para ali e pesavam 1 quilo ou 1 quilo e meio, ou o que a gente queria.

Agora, há luz para toda a terra. Toda a gente tem luz em casa. Toda a gente tem frigoríficos. Já vêm aqui as carrinhas com o pão e, às vezes, também trazem fruta. Trazem assim estas coisinhas que fazem falta. Antigamente, não havia cá nada. Foi um bocadinho complicado, sem dúvida nenhuma. Se a gente agora voltasse para trás, era difícil.

A importância da água canalizada na vida do dia-a-dia

A água canalizada, foram uns homenzinhos da nossa terra que puseram. Os antigos, que já morreram, foram buscar lá acima a canalização. Tem umas casas de preparar a água e agora, toda a gente já tem água em casa.

Na União Progressiva, está uma minazinha. Aí é que a gente ia buscar a água. Água muito fresquinha. Também havia aqui outra fonte muito fresquinha. Era ali que a gente ia buscar a água para beber. Às fontinhas com os cântaros. Eram cântaros de barro ou uma bilha de folha. É água que vem lá de cima da serra do nascente, canalizada para aqui. A gente pega aqui num copo para beber água, parece cristalina. Em Lisboa, eu não bebo água da torneira. A água lá parece que fica amarela. Fica com os pós que lhe põem. Nós, lá, compramos sempre água do garrafão para beber. Aqui, não é preciso isso. A gente vai ali à torneira, é uma água que parece cristal. É muito boa, sem dúvida nenhuma! E os ares são muito bons.

Juntava-se aí muita gente a lavar. A gente punha alguns alguidares no ribeiro, por aí abaixo. Esfregava a roupa, punha no alguidar, amolecia, tornava-se a esfregar, ia-se pôr a corar e depois torna-se a dar. Não havia lixívia, era corar. Punha-se ao sol. A gente ia pôr a roupa estendidinha ao sol com sabão azul e branco. Quando estava ali coradinha, quentinha, era só lavar ao ribeiro, outra vez. Ficava branca, branquinha.

Antigamente, nem havia casas de banho. As casas de banho eram por aí fora, pelos campos. A pessoa aproveitava tudo para o estrume. Não havia papel higiénico. Às vezes, era com folhas das videiras, com folhos dos milhos, um bocado de jornal... Quem cá viveu no outro tempo e agora... Agora, a minha casinha é pequena, mas já tem duas casas de banho. O meu filho arranjou uma casa, que era do meu marido e de uma irmã, também já tem duas casas de banho boas. Antigamente, a gente ia a uma casita de madeira.

"Esta Comissão noutro tempo fez muito melhoramento"

A água que cá temos foi posta pela nossa Comissão de Melhoramentos. A luz já foi através do Piódão e das freguesias. Tudo veio para cá, porque, antigamente, não havia cá nem no Piódão, nem em lado nenhum. A União Progressiva, noutro tempo, fez muito melhoramento. Fez pontes de pedra que eram de madeira. Aquela Casa do Povo foi feita pela povoação, através da Comissão. Os chafarizes também. E, pronto, há estas coisas que a Comissão fez. Os homens, nessa altura, é que também ajudaram a fazer.

As paisagens eram diferentes. Agora, está tudo ardidado. Estas encostas aqui era tudo centeio. Tudo com aquele restolho. Cortavam o centeio e ficava aquela parte por baixo. Não havia giestas, não havia mato, era tudo campo. Tudo cultivado. Agora é floresta. Está tudo abandonado. Já nem há vindimas. Vem aí uma meia dúzia de homens, cortar as uvas, mas aqui agora há poucas videiras. As pessoas que cá foram criadas, como eu, já não podem andar a trabalhar e a gente nova não vem para aqui. Só se realmente houvesse outra maneira de viver, uma maneira de haver uns transportes, de haver um supermercado, de haver melhores estradas. A pousada é para as pessoas que podem ir para lá. É bom talvez no Piódão, agora aqui não.

Gostava que houvesse aqui um supermercado. Quando a gente vem, tem que trazer tudo. Praticamente, temos de ter tudo nos frigoríficos. Se aqui houvesse um supermercado, onde se se pudesse ir aviar, como nestas terras por aqui fora, até as pessoas da nossa idade, que estão reformadas, estavam aqui mais tempo. Assim, não.

Gostava que houvesse uma maneira de transporte, porque há pessoas que vivem cá e só têm um médico uma vez por mês. Tem que haver alguém que vá aviar as receitas, porque para se deslocarem é muito caro. Para apanharem uma injeção ou fazerem um exame têm que ir a Arganil ou a Coimbra. Se houvesse aqui um transporte, já facilitava muito às pessoas que cá estão e até mesmo àquelas que cá vêm. Precisavam das estradas arranjinhas, também. Gostava que arranjassem a estrada como deve ser. Nós temos carro, mas o meu marido já não pode conduzir. Quando a gente tinha carro, ia a Oliveira, ia a Arganil, ia por aí abaixo, e agora não. Agora não temos um transporte para a gente se deslocar. Se houvesse cá uma boa estrada que passasse aqui, um transporte diário ou um supermercadinho onde as pessoas pudessem ir, acho que era muito bom.

Quotidiano *"Gosto muito de estar aqui, mas lá é diferente"*

Eu não vivo cá. Agora só cá venho de férias. Estou cá uns dias, um mês ou dois meses. Às vezes, pela Páscoa, a gente também cá vem, mas mais vezes, não. Gosto de vir aqui, mas gosto mais de estar em Lisboa. Tenho lá a minha casa. Gosto muito de estar aqui, mas lá é diferente. As nossas comunidades, os nossos convívios. Tenho lá o meu filho, tenho lá o meu neto, tenho lá a minha nora, tenho lá irmãos. Pronto, lá é melhor.

Avaliação *"Este trabalho é bonito"*

Eu acho que este trabalho é bonito. Haviam de ter é mais conhecimentos para as pessoas que vivem aqui. Era uma coisa muito positiva para estas aldeiazinhas.